

DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO BRASIL: REFLEXÕES ACERCA DO RECONHECIMENTO DO IMPACTO NO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES NO PISA 2018

Marina Fátima Onyszko. URI. Brasil. Email: marinaonyszko.mo@gmail.com

Edite Maria Sudbrack. URI. Brasil. Email: sudbrack@uri.edu.br

Introdução

O objetivo deste estudo, de natureza qualitativa e abordagem sociocrítica, é analisar a interferência das desigualdades de condições de aprendizagem na participação dos estudantes brasileiros no PISA 2018. Foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Os documentos que compuseram o *corpus* de análise são o Relatório Brasil no PISA 2018 e o documento Notas sobre o país, elaborado pela OCDE.

Com o advento da globalização e a hegemonia da tendência neoliberal, de acordo com Dale (2004), os sistemas educativos têm sido ditados por uma Agenda Globalmente Estruturada para a Educação (AGEE) ditada em grande parte por organismos internacionais, entre os quais o Banco Mundial, a Unesco, a Cepal, e, com destaque em âmbito global e para este estudo, a OCDE, que coordena o PISA.

Conforme Oliveira (2020), tais organismos, nomeadamente a OCDE/PISA, desenvolveram protagonismo na orientação da agenda educativa global a partir da segunda metade do século XX, orientados pela matriz da teoria do capital humano, e permanecem tendo papel central na disseminação da teoria e no fortalecimento de políticas, em âmbito mundial, pautadas numa matriz que considera a educação como ferramenta para o desenvolvimento econômico.

Tendo a avaliação se convertido na grande protagonista do quadro das políticas educacionais, o PISA se impõe como gerador de conhecimento para a política educativa, metamorfoseando-se num poderoso instrumento de regulação supranacional (SUDBRACK; FONSECA, 2021).

O Brasil, que participa do PISA desde a sua primeira edição, no ranqueamento gerado pelo certame, figura sempre entre as nações com pior desempenho. Os índices gerados pela OCDE circulam intensamente nas mídias, tomados, de acordo com Barroso e Carvalho (2011), como um conhecimento pericial, independente e universal. O fato

pode ser evidenciado quando analisada a repercussão dos resultados do Brasil no PISA 2018, última edição do exame e objeto de estudo da presente investigação: “Pisa 2018: o Brasil está na turma do fundão. De novo.” (VEJA, 2019).

Pela confiabilidade que desperta, se faz necessária uma análise criteriosa do desempenho dos estudantes brasileiros no exame, não no que tange aos números alcançados como média, mas aos fatores que interferem diretamente na aprendizagem desses sujeitos: as desigualdades educacionais.

A impacto das desigualdades educacionais no desempenho dos estudantes no PISA 2018: reconhecimento e invisibilização

A temática das desigualdades educacionais evidencia-se no Relatório Brasil no PISA 2018 no capítulo intitulado “As condições de aprendizagem no Brasil e o desempenho dos estudantes no PISA 2018”. O objetivo do capítulo é “[...] apresentar dados que contextualizam o ambiente de aprendizagem dos estudantes brasileiros de 15 anos de idade.” (BRASIL, 2020, p. 143).

Tendo em vista que o Brasil figura entre as nações mais desiguais e que, diante do primeiro contato com o *corpus* de análise do presente estudo, uma das constatações foi de que a temática não era suficientemente abordada, foi definida, *a priori*, a categoria “Desigualdades educacionais”. Com isso, o estudo dos documentos foi aprofundado nesse sentido.

Quadro 1 - Desigualdades Educacionais nos documentos analisados: categorização

Categoria Geral	Subcategorias	Incidência
Desigualdades educacionais	1. Nível socioeconômico	39,6%
	2. Oportunidades educacionais	25%
	3. Estrutura das escolas	5,4%
	4. Localização/Dependência administrativa	10%
	5. Ambiente familiar	8%
	6. Diferenças regionais	6%
	7. Raça/cor	6%

Fonte: elaborado pelas autoras (2022) com base em OCDE (2019) e Brasil (2020)

De acordo com o Quadro 1, percebe-se o reconhecimento do nível socioeconômico, das oportunidades educacionais e da localização/dependência administrativa das escolas e residências como determinantes do desempenho dos estudantes. O nível socioeconômico e os termos que a ele se relacionam predominam.

A educação brasileira é, historicamente, marcada pela desigualdade. Esta, evidencia-se no não acesso à escola, na exclusão dentro do próprio sistema e no acesso a distintos padrões de qualidade educacional. Trata-se de um fenômeno complexo, e, de acordo com Sampaio e Oliveira (2015), se desloca pelos níveis de ensino e por diferentes dimensões: de acesso, de tratamento e de conhecimentos. É um conceito polissêmico, nas múltiplas dimensões que o compõem bem como nas relações existentes entre elas. Tais dimensões se afetam e se transformam.

Apesar da grande incidência de termos referentes à subcategoria Nível socioeconômico e de reconhecer que se trata de um fator determinante ao desempenho dos estudantes brasileiros na prova, é interessante notar como o PISA/OCDE direciona a informação ao longo dos documentos: na parte destinada aos comentários acerca dos principais resultados, esta aparece, em sequência, de duas maneiras distintas. A primeira, traz que o nível socioeconômico foi um forte preditor do desempenho enquanto a segunda diz que ele não é um fator decisivo:

- O nível socioeconômico **foi um forte preditor** do desempenho em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil. Em Leitura, o desempenho de estudantes em vantagem socioeconômica superou em 97 pontos (média da OCDE: 89 pontos) o desempenho de estudantes em desvantagem socioeconômica. No Pisa 2009, a lacuna no desempenho em Leitura, relacionada ao nível socioeconômico, foi de 84 pontos no Brasil (média da OCDE: 87 pontos).
- Cerca de 10% dos estudantes em desvantagem socioeconômica no Brasil obtiveram um desempenho em Leitura dentro do quarto superior (média da OCDE: 11%), o que indica que a o baixo nível socioeconômico **não é um fator decisivo** (OCDE, 2019, grifo nosso).

A forma reducionista como o PISA/OCDE aborda a temática da desigualdade educacional nos materiais que divulga evidencia o ideário em que o certame se assenta: a tendência neoliberal (SUDBRACK; FONSECA, 2021). Trata-se, conforme Ecco (2004), de uma reação política e teórica contra o Estado intervencionista, de bem-estar social, que se expressa na divisão da sociedade entre mercadorias e consumidores e converte a educação em bem de mercado. Não se trata, porém, de demonizar a avaliação de larga escala, mas de pensar seu caráter excludente.

Aportes finais

O Relatório Brasil no PISA 2018, além de apresentar, interpretar e discutir os dados referentes ao desempenho dos estudantes no que tange aos letramentos avaliados,

de acordo com a retórica presente no documento, traz um capítulo que contextualiza, por meio de respostas da comunidade educacional aos questionários que integram o exame, o ambiente de aprendizagem dos estudantes brasileiros. Por meio das análises realizadas, é possível perceber que a maior incidência de termos se relaciona ao nível socioeconômico dos estudantes (percentual significativamente maior com relação aos demais), às diferentes oportunidades educacionais e à localização/dependência administrativa das escolas.

Apesar de evidenciar que o nível socioeconômico é determinante ao desempenho dos estudantes, as análises permitiram constatar que essa mesma informação é direcionada de formas distintas e demasiadamente simplistas ao longo dos documentos, fato que corrobora com a difusão de uma suposta ausência de qualidade na educação brasileira, especialmente pelas mídias, e fortalece a responsabilização de escolas e docentes. Tendo em vista que se trata de um poderoso instrumento de regulação supranacional, capaz de ditar os conhecimentos que valem mais e influenciar a criação e modificação de políticas educacionais em âmbito nacional, cabe repensar a credibilidade a ele atribuída e refletir acerca da utilização de seus dados, *rankings* e prescrições.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma "Cultura Educacional Mundial Comum" ou localizando uma "Agenda Globalmente Estruturada para a Educação"? **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/bJbBCJS5DvngSvwz9hngDXK/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- ECCO, Idanir. **A prática educativa escolar problematizadora e contextualizada: uma vivência na disciplina de história**. Erechim, RS: EdiFAPES, 2004.
- OCDE. Notas sobre o país: Brasil – Resultados do PISA 2018, **OECD**, v. 1-3, p. 1-11, 2019. Disponível em: <download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2018/pisa_2018_brazil prt.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Da promessa de futuro à suspensão do presente: a teoria do capital humano e o Pisa na educação brasileira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SAMPAIO, Gabriela Thomazinho Clementino; OLIVEIRA, Romualdo Luiz Portela de. Dimensões da desigualdade educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 511 - 530, jun. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/60121>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

SUDBRACK, Edite Maria; FONSECA, Dora Maria Ramos. **As razões do PISA: regulações transnacionais e indução de políticas educativas.** Curitiba, PR: CRV, 2021.

VIEIRA, Maria Clara. Pisa 2018: o Brasil está na turma do fundão. De novo. **VEJA**. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/pisa-2018-o-brasil-esta-na-turma-do-fundao-de-novo/>>. Acesso em: 5 jan. 2022.